

EXPANSÃO PARQUE S. ROQUE

Memória Descritiva

Projeto de Execução



Câmara Municipal do Porto
Departamento Municipal de Espaços Verdes e Gestão de Infraestruturas
Divisão Municipal de Estrutura Verde
fevereiro 2021

ÍNDICE

ENQUADRAMENTO.....	3
SITUAÇÃO EXISTENTE	4
PROPOSTA	8
Relação com a Travessa das Antas e Operação Urbanística.....	8
Ligações com o Parque Existente	10
Percursos.....	11
Estadias e Miradouros	13
Drenagem	14
Vegetação.....	15

ENQUADRAMENTO

O presente documento refere-se ao Projeto de Execução da Expansão do Parque de S. Roque, localizado na freguesia do Campanhã do Município do Porto.

A Quinta da Lameira, hoje conhecida por Parque de S. Roque, era propriedade residencial da aristocrática família Callen: António Eugénio de Castro Ramos Pinto Callen e D. Maria Eugénia Ramos Pinto, que tinha um importante papel na política da cidade, e até do país, no comércio e exportação de Vinho do Porto.

Adquirida pela Câmara Municipal do Porto, entre Agosto de 1978 e Maio de 1979 ao até então proprietário, a Quinta integrava ainda a Quinta da Bela Vista, local de aquartelamento da GNR, tendo sido restaurada e aberta ao público em 1993. Com bonitos jardins (frutas, minarete, sebes labirínticas, repuxos, fogaréus, etc.) e a Casa Apalaçada, de valor histórico e patrimonial elevado, este é um espaço caracterizado por um frondoso bosque (onde encontramos a capela e o lago) e jardins formais (labirinto de buxo, chafarizes e canteiros) e românticos (nas traseiras da casa), em socalcos sobre a encosta.

Este projeto tem como objetivo o aumento da área do Parque de S. Roque, através da definição de uma área de “mata urbana” servida por percursos e mobiliário urbano que permitam a fruição da população deste espaço, bem como reforçar um dos “pulmões” regenerador da zona oriental da cidade, assumindo-se a concretização do corredor verde de ligação ao complexo desportivo do Monte Aventino e Praça Francisco Sá Carneiro.

Deste modo, a área de cerca de 4ha existente do Parque, e que em paralelo será sujeita a obras de requalificação no que diz respeito às infraestruturas que servem este parque (água, eletricidade, drenagem...), a beneficiação dos caminhos, miradouros e pontes, soma-se 1,2 ha onde nasce o espaço projetado, cuja morfologia do terreno, é um excelente ponto de contemplação do Rio Douro.

SITUAÇÃO EXISTENTE

O Parque de S. Roque localiza-se na zona oriental da cidade do Porto, em específico na freguesia de Campanhã.



Figura 1. Localização do Parque de S. Roque no município do Porto

O Parque de S. Roque, possui duas entradas principais, uma a sul, pela Rua São Roque da Lameira, e que permite também o acesso à recentemente reabilitada Casa de S. Roque, e outra pela Travessa das Antas no extremo norte, onde se localizam as áreas de parque infantil, de merendas e onde se pretendem instalar equipamentos desportivos informais.

A área de intervenção é um terreno adjacente ao parque atual, no extremo nordeste, separado por um muro de pedra, no qual se instalou um portão de acesso condicionado, para possibilitar a manutenção desta área.

No limite nascente da área de intervenção, delimitada por uma vedação em rede existente, situa-se um terreno com compromisso urbanístico (Alvará de licenciamento de obras de construção n.º NUD/424491/2020/CMP | processo n.º P/231788/19/CMP) cuja obra iniciou no segundo semestre de 2020, denominado como Condomínio Miradouro. Em paralelo às obras deste loteamento será executado um arruamento de utilização condicionada (NUP/27455/2020/CMP), no limite da área de expansão, tendo em conta o estudo desenvolvido pela CMP para os arruamentos envolventes ao Parque de S. Roque.

É importante salientar a proximidade com o complexo desportivo do Monte Aventino que, em termos de espaços verdes, permite concretizar um corredor verde entre S. Roque e a Praça Francisco Sá Carneiro. A sul da área de intervenção, numa cota inferior, situa-se a PSP.



Figura 2. Situação existente

Em termos morfológicos a área de intervenção divide-se em três áreas: (1) Patamar Superior, (2) Patamar intermédio e (3) Escarpa.

O Patamar superior, caracteriza-se por ser o patamar mais elevado, mais plano e que se relaciona diretamente com o Parque existente. Encontra-se a cerca de 1,90m acima da cota da Travessa das Antas.

O Patamar intermédio, caracteriza-se pela área intermédia da área de intervenção, mais declivosa, que termina no muro de suporte existente, visivelmente degradado pela existência do arvoredo.

A zona de Escarpa, é a área em que se observam alguns afloramentos rochosos que culmina na Escarpa existente, e apesar de apresentar menores declives que o patamar intermédio, deve ser promovida a estabilidade do terreno.



Figura 3. Unidades morfológicas da área de intervenção

Em termos de composição vegetal observa-se a existência de eucaliptos, pontuados por algumas acácias, e um pequeno sobreiro. Foram realizados durante o último ano alguns abates de eucaliptos que apresentavam fragilidades.



Figura 4. Vegetação existente

Atualmente, este espaço é também utilizado como local de despejo dos resíduos vegetais do Parque de S. Roque, no que diz respeito, à biomassa de eucalipto, devido à impossibilidade de tratamento destes resíduos pela Lipor, à imagem do que acontece com os restantes resíduos verdes. Este procedimento tem criado diferenças no terreno, uma vez que se vão amontoando estes resíduos na área em projeto. A área de intervenção encontra-se também bastante disseminada com raizames de árvores.



Figura 5. Resíduos Verdes (esquerda) e Raizames (direita)

PROPOSTA

A proposta que se apresenta idealiza-se como uma “Mata Urbana”, que pode ser explorada através dos percursos que seguem a expressão natural do terreno, que são apoiados por algumas zonas de estadia que recebem o mobiliário urbano. Ainda de forma a aproveitar a magnífica vista sobre o rio Douro, prevêem-se áreas informais que servem de miradouro.

A nível da vegetação, pretende-se recriar uma mata climácica, recorrendo-se à plantação de espécies autóctones ou naturalizadas que conhecemos das nossas paisagens florestais, reconvertendo assim progressivamente o atual eucaliptal. Assim, propõe-se o abate de todas as acácias e eucaliptos com PAP reduzidos, mantendo-se somente os exemplares com uma estrutura visivelmente mais robusta.

Na zona de Escarpa, tendo em mente a segurança dos futuros utentes deste espaço, sugere-se que seja interdita a sua utilização, contudo, é proposto a plantação de espécies arbustivas, como urzes e tojo, que promovam a fixação do solo evitando a erosão desta área.

Considerando-se que a área de expansão do Parque se trata de um espaço informal e isolado, em termos de mobiliário urbano, optou-se por elementos mais resistentes e menos suscetíveis a vandalismo ou uso impróprio, com o objetivo de minimizar as necessidades de manutenção inerentes a estes elementos, diferenciando a “mata” da área do Parque existente que possui um carácter mais formal.

Relação com a Travessa das Antas e Operação Urbanística

A área de intervenção tem como seu limite norte o muro de pedra que confronta com a Travessa das Antas.

A altura deste muro oscila ao longo do arruamento, atingindo mais de 3,6m na extensão do Parque de S. Roque existente e cerca de 1,90m na área da expansão.

Desta forma, o terreno da área de expansão, que se encontra na face superior do muro, encontra-se numa cota a cerca de 1,90m da cota do passeio da Travessa das Antas, revelando-se assim importante a manutenção deste muro no que concerne à sustentação das terras existente.

Na impossibilidade de aumentar a altura do muro, uma vez que esta operação poderá causar problemas de estabilidade estrutural neste, e aproveitando o pequeno desvio entre o muro da

área da expansão e do muro da área do Parque existente, propõe-se a instalação de uma vedação, composta por perfis metálicos com cerca de 3,6m, a fixar do lado exterior do parque (no passeio da Travessa das Antas).



Figura 6. Fotomontagem da vedação proposta

De forma a promover uma maior segurança neste limite, sugere-se a plantação de um maciço /cortina vegetal que se constitui como uma barreira com dupla função: física impedindo a aproximação a esta extremidade, e visual permitindo neutralizar as vistas do arruamento para o interior do Parque criando uma sensação de maior privacidade ao utente do parque.

Relativamente à separação com a área do novo arruamento do Condomínio Miradouro, mantem-se a vedação existente, devendo no futuro ser equacionado um remate formal, através da execução de muro ou instalação de vedação semelhante à do topo norte, no âmbito desta ampliação do Parque de S. Roque.



Figura 7. Renderização 3D “Condomínio Residencial Miradouro”
(fonte: Castanheira e Bastai Arquitetos – Processo P/231788/19/CMP)

Neste limite, tal como no extremo norte, propõem-se a plantação de maciço vegetal que funciona como barreira, neste caso principalmente visual, para criação de uma maior sensação de conforto ao utente do parque.

Ligações com o Parque Existente

A ligação com o Parque de S. Roque é efetivada com a demolição do muro de pedra existente, no entanto, somente na extensão em que o terreno é sensivelmente da mesma cota, mantendo-se o muro onde se conhecem desníveis acentuados, entre as duas áreas.

Na amplitude da extensão em que o muro, que separa a área proposta da área existente, desaparece, tenta-se dissolver a memória da sua existência através do uso de vegetação e da criação de duas praças, que anunciam as entradas formais no espaço da “mata”, uma junto à capela existente e outra junto ao abrigo/chalé existente. A formalização destas praças permite, não só colmatar os percursos existentes com os propostos, como também enquadrar as construções existentes.



Figura 8. Construções existentes - criação de praças de entrada/transição

Percursos

Conforme referido anteriormente, o desenho dos percursos tenta seguir a expressão natural do terreno, aproveitando caminhos que parecem ter sido definidos pela morfologia do terreno.

Deste modo, são definidos dois tipos de percursos:

- percurso principal, no patamar superior, com perfil mais largo, com cerca de 2,5 metros, e com inclinação reduzida e,
- percurso secundário, no patamar intermédio, com cerca de 1,8 metros de largura e que devido à topografia do terreno apresenta uma inclinação mais acentuada.

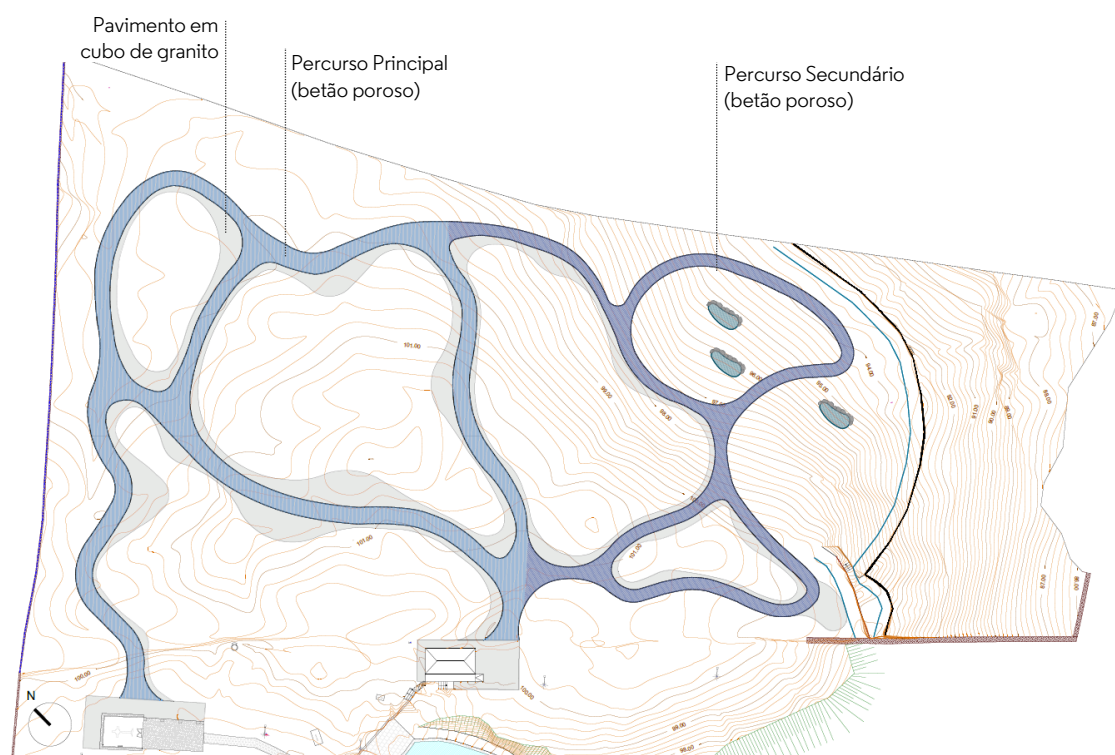


Figura 9. Caminhos Propostos

Considerando-se a “mata” como um espaço informal do Parque de S. Roque, e tendo em mente a continuidade funcional, a morfologia do terreno, a futura utilização e capacidade de carga dos percursos projetados, propõe-se que a “espinha dorsal” dos percursos seja executada em betão poroso, ao contrário do proposto no projeto de requalificação do parque existente, em que se mantem a maioria dos caminhos em cubo ou lajetas de granito e em saibro.

O betão poroso, para além de exigir uma menor manutenção, permite uma elevada permeabilidade do solo, comparativamente aos pavimentos de cubo ou lajetas, assim como uma utilização em zonas de maior inclinação, ao contrário dos saibros.

Porém, em complemento ao percurso em betão, surgem alargamentos em cubo de granito, permitindo uma maior dinâmica e transição entre as áreas pavimentadas e as áreas com vegetação. A utilização do cubo de granito relaciona este novo espaço como o restante Parque de S. Roque mais formal.

Adjacente às zonas pavimentadas, de forma a garantir o adequado sistema de natural, prevê-se a criação de valas de drenagem natural que constituem-se como uma ligeira depressão que promove a drenagem longitudinal da água.

Estadias e Miradouros

As áreas de estadia aparecem associadas principalmente ao percurso principal, situado no patamar superior, decorrente da presença de áreas mais planas, onde se permite o encontro e descanso dos utentes.

Estas áreas acompanham o percurso, “abrindo-se” para acolher mobiliário urbano, sendo executadas em cubo granito, tal como referido anteriormente, criando uma ligação e continuidade com o parque existente e permitindo uma experiência sensorial e dinâmica, ao longo do percurso proposto.

Ainda no patamar superior, aproveita-se um recanto existente para a criação de uma área de estadia que funciona, igualmente, como miradouro. Neste espaço propõe-se a instalação de um guarda-corpo, que dista cerca de 2 metros do muro de suporte, para maior segurança dos utentes e de forma a não colocar em risco a estabilidade do muro a recuperar.

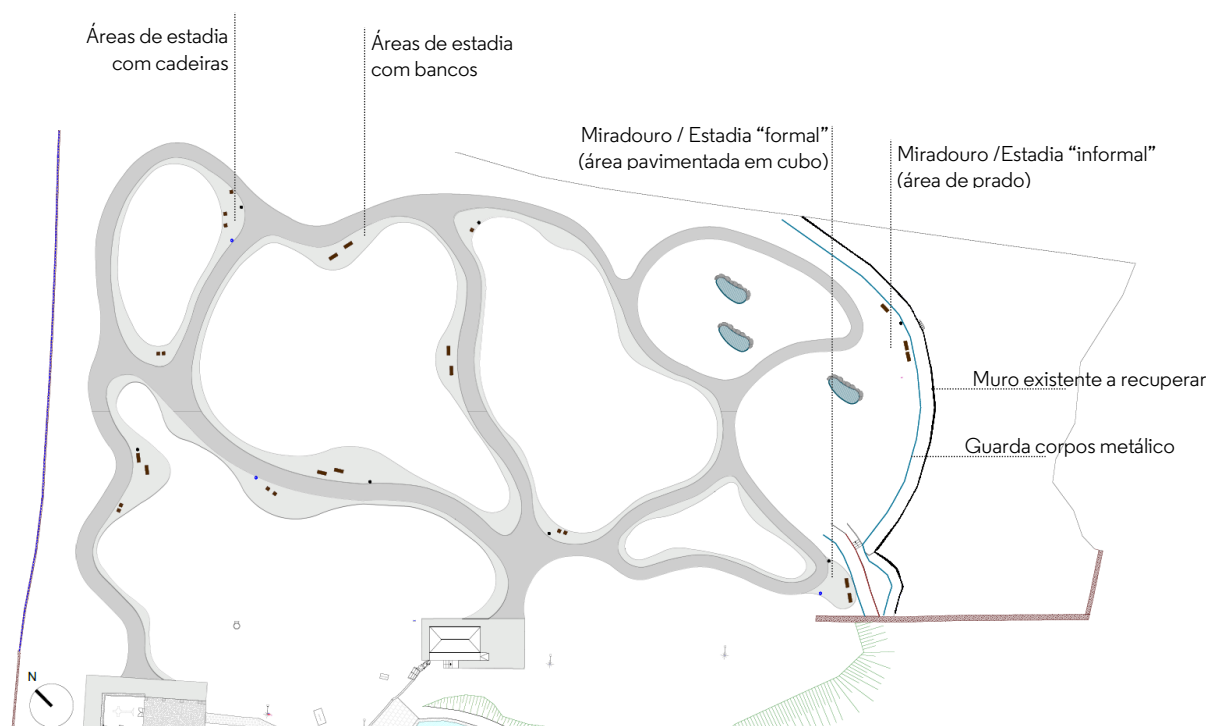


Figura 10. Estadias e Miradouros Propostos

No patamar intermédio, apesar de se desenvolver um percurso secundário este não se associa a estadias ou a miradouros formais, isto é, definidos com área pavimentada. Porém, o percurso secundário conduz a uma “varanda”, delimitada também por um guarda-corpo contínuo, que dista cerca de 2 metros do muro de suporte a recuperar e que delimita o patamar intermédio.



Figura 11. Fotomontagem do miradouro informal

Drenagem

Tendo em conta a morfologia da área em projeto, não se prevê a construção de uma rede de águas pluviais, face considerar-se a escorrência natural das águas superficiais, prevendo-se através da modelação do terreno, área que servem de bacia de retenção, ora formalizadas pela criação de charcas, como no patamar intermédio que recolhem a água em pontos anteriores ao percurso secundário, ora por simples depressões do terreno.

Deste modo, pretende-se salvaguardar as áreas pavimentadas/percursos de possíveis deslizamentos de terra e de encharcamento, face ao acentuado declive do terreno nesta zona.

A localização das charcas teve como referência pontos em que já se observa alguma depressão no terreno, e que de certo modo já funcionam atualmente como bacia de retenção, pelo que se pretende efetivar e melhorar o seu desempenho.



Figura 12. Charca - imagem de referência

Vegetação

Ao nível da vegetação, conforme referido anteriormente, sugere-se a reconversão progressiva do eucaliptal, iniciando-se com o abate de eucaliptos e de acácias com PAP na maioria inferiores a 40cm, mantendo os exemplares de eucalipto de grande porte.

Pretende-se que esta área assemelhe-se a uma mata que tipicamente conhecemos, pelo que recorre-se à utilização de espécies arbóreas como carvalhos (*Quercus rubra* e *Quercus robur*), sobreiros (*Quercus suber*), aveleiras (*Corylus avellana*), castanheiros (*Castanea sativa*) e medronheiros (*Arbutus unedo*). De modo a acrescentar alguma cor pontua-se a mata com algumas olaias (*Cercis siliquastrum*).

Associado às áreas húmidas, criadas através da formalização de bacias de retenção com a criação de charcas, utiliza-se o vidoeiro (*Betula celtibérica*).

No que concerne ao extrato arbustivo, quer no patamar superior, quer no intermédio, é utilizado, somente, para formar barreiras visuais e físicas, que se propõem nos limites norte e este da área de intervenção, bem como remate dos percursos de forma a evitar atravessamentos fora destes.

Assim, privilegiam-se espécies autóctones ou naturalizadas que complementam as espécies arbóreas, e que se reconhece no sub-mato, tais como urzes, pilriteiros, azevinhos, murta, loureiro, animando-se também com rododendros e lilases.

No extrato herbáceo, destaca-se nas áreas centrais a utilização de prado florido, tratando-se os restantes espaços com prado de sequeiro, para uma reduzida manutenção.

Relativamente à zona da Escarpa, como se revela uma área de difícil acesso, propõe-se a execução de uma hidrossementeira de mistura de arbustivas e de herbáceas, de implantação rápida, adequada para zonas de elevada inclinação e com pouca água, que permite uma célere estabilização do terreno, minimizando a erosão do mesmo.

A médio-longo prazo deve-se planear a reconversão dos eucaliptos que se mantêm, procedendo ao seu abate progressivo e a novas plantações de vegetação autóctone, avaliando-se sempre o estado de maturação deste novo espaço.

O problema dos resíduos verdes do arvoredo no Parque de S. Roque, em concreto dos eucaliptos, vê-se agravado com a intervenção proposta por perderem o local que atualmente é utilizado como depósito da biomassa desta espécie arbórea. Deste modo, este tema deverá ser abordado, de forma global para toda a extensão do Parque de S. Roque, equacionando medidas que minimizem esta questão, tais como:

- Reconversão, a longo prazo, de espécies invasoras (eucaliptos e acácias) em todo o Parque, reduzindo a quantidade de resíduos de eucalipto bem como o empobrecimento do solo;
- Aquisição de estilhador, que permite a reutilização dos resíduos verdes produzindo “mulch” e desta forma protegendo assim o solo;
- A criação de uma possível área para depósito de resíduos verdes.

